

EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE: A DISCUSSÃO DE GÊNERO EM DEBATE

SANTOS, Elizabeth Ângela dos¹

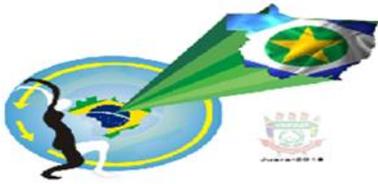
Resumo - Este artigo pretende suscitar discussões e reflexões relativas às questões de gênero e sexualidade, que foram retiradas dos planos municipais de Educação Básica. Essas questões serão pensadas como construções históricas, sociais e culturais. Objetivamos também fazer uma reflexão sobre a circulação da “Cartilha sobre Ideologia de Gênero” que suscitou debates e propagação de ideias equivocadas sobre os estudos de gênero. Nossos argumentos estão fundamentados em posicionamentos que concebem o conceito de gênero e de sexualidade como uma construção sócio-histórica das distinções/diferenciações ancoradas no sexo. Assim, podemos salientar que a masculinidade e a feminilidade, ao contrário do que alguns discursos promulgam, não são constituídas prioritariamente pelas características biológicas, mas são as representações do que se diz e se pensa sobre estas características. O entendimento sobre gênero nessa perspectiva não pretende negar o viés biológico que explicita as diferenças anatômicas entre as pessoas, mas, considera que essas diferenciações não podem ser usadas para privilegiar o sexo masculino/heteronormativo, pois, considera que essas concepções que se apropriam das designações tradicionais de gênero feminino como sendo frágeis e submissas, nada mais são do que construções culturais que, historicamente, produzem uma opressão sexista que pretende reafirmar os discursos biológicos e culturais da desigualdade, que por sua vez pretende instituir regular e normatizar desejos, corpos, significados e práticas, universalmente da mesma forma. Portanto, devemos dar especial atenção para as instituições escolares que em seu cotidiano é perpassada por diferentes discursos e práticas sociais e pedagógicas, tornando-se um local que pode ser de desconstrução ou afirmação do que é tido como “natural”, constituindo e fixando as diferenças sexuais e de gênero. Assim, afirmamos a necessidade de reflexões e estudos sobre gênero e sexualidade na educação, pois a escolarização se inscreve nos corpos dos sujeitos, e estes por sua vez, são significados e ressignificados pela cultura que institui um sentido social aos corpos, e neste cenário a escola se revela como importante mecanismo dessas produções. Entretanto, cabe a nós professoras e professores o desafio de repensar e possibilitar novas teorias que possam favorecer a compreensão de que todas/os somos sujeitos e devemos ser respeitados de forma igualitária.

Palavras-chave: Gênero. Sexualidade. Educação.

INTRODUÇÃO

O presente artigo tem como intuito suscitar reflexões sobre gênero e sexualidade na educação, visto que vivenciamos um momento de debates e discussões sobre a inclusão destes termos nos planos municipais e estaduais de educação. Houve a propagação em território nacional de uma chamada “Cartilha sobre a Ideologia de Gênero” que promulgava ideias religiosas equivocadas sobre

¹ Professora Mestre em Educação. Departamento de Pedagogia da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT, Campus de Juara – MT. E-mail: profabethjuara@unemat.br



as teorias de gênero com o intuito de alarmar a sociedade e fazer com que o gênero e sexualidade não fossem mais trabalhados no contexto escolar. E, de fato houve uma mobilização que fez com que na aprovação desses planos foram retirados os termos gênero e sexualidade de sua redação.

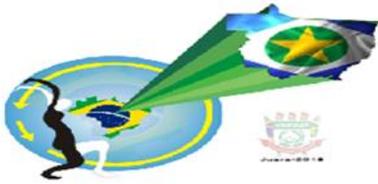
Essas manifestações suscitaram reflexões educativas na universidade e em escolas o que nos levou a detectar uma insuficiência da problematização do currículo escolar nas questões de gênero e sexualidade e também do entendimento da cultura que interfere nestes aspectos numa compreensão crítica, histórica, social conectada as relações de poder e de dominação de grupos e/ou dominação da masculinidade/heteronormatividade.

Trazer a tona essas questões são vieses de grande importância para a desconstrução de atitudes, discursos, posturas e práticas pedagógicas em que educadoras/es procuram tratar de forma igual todos/as, indo desta forma de encontro ao ideário de construção de equidade social, mas nem sempre o discurso condiz com as práticas cotidianas. Sabemos que essas práticas estão internalizadas e muitas vezes são realizadas de forma naturalizada, o que, corrobora para a manutenção das diferenças e perpetuação das relações de poder. Essas relações de poder e de discriminação ocorre em vários espaços, um deles, o ambiente escolar.

Nesse sentido, abordaremos neste artigo o gênero e sexualidade como uma teoria que busca anunciar e denunciar a construção histórica, social e cultural, que pretendem determinar os lugares sociais a serem ocupados pelas pessoas conforme o seu sexo anatômico. Pois, esta visão favorece a compreensão de que as desigualdades de gênero não são naturais, sendo estas diferenças construídas culturalmente.

GÊNERO E SEXUALIDADE NA EDUCAÇÃO: Definindo Alguns Conceitos

A educação é considerada como principal meio de reprodução da ordem social e cultural, contribuindo para a formação de valores, significados e subjetividades dos indivíduos. Ao voltarmos o nosso olhar para as relações sociais percebemos que algumas mudanças ocorrem, mas também não podemos deixar de perceber que ainda vivemos numa sociedade marcada pelas relações de dominação, incluindo as categorias de gênero e diversidade sexual. Essas relações de dominação têm como base o androcentrismo, que diz respeito às normas masculinas e heteronormativas como cultura dominante, nesta perspectiva Bourdieu (1999, p.23) afirma que “o principio masculino é



tomado como medida de todas as coisas”. Neste sentido as mulheres e os que não se enquadram na norma continuam em desvantagem com relação ao gênero masculino/heteronormativo, permanecendo em posições subordinadas, sendo direcionadas para executar as atividades que possuem menor expressão e representação social.

Silva (1998) nos afirma que é justamente nesta tentativa de homogeneização dos grupos tidos como “normais” que surgem as contestações dos grupos que são marcados como os “outros” (neste caso me refiro às mulheres e grupos considerados como desviantes: gays, lésbicas, transexuais e transgêneros). Não podemos deixar de salientar que quando estes grupos “desviantes” abarcam outras dimensões como classe, raça/etnia, religião, etc. as discussões relacionadas às relações de gênero tornam-se mais complexas. Segundo Almeida (1998):

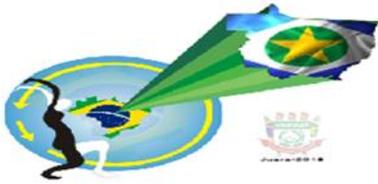
As desigualdades entre os gêneros, assim como as que envolvem idade, classes sociais e raças, e entre aqueles com opções sexuais diferentes, efetivam mecanismos de produção e reprodução da discriminação que adquirem concretude em todas as instâncias da vida social pública e privada: na profissão, no trabalho, no casamento, na descendência, no padrão de vida, na sexualidade, dos meios de comunicação e até nas ciências, envolvendo a História, a Sociologia, a Antropologia, a Política e a Economia. (ALMEIDA, 1998, p. 40).

Quando analisamos os cargos que possuem status sociais, como poder legislativo, executivo, judiciário, profissões que possuem uma remuneração elevada, a participação feminina é bem irrisória, assim como a participação de homossexuais.

Nos discursos que versam sobre gênero geralmente remetem a questão da sexualidade. Portanto é necessário que façamos uma definição do que é gênero e sexualidade, que embora não se excluam porque são interdependentes, mas, possuem significados diferentes. Ann Oakley apud Tilly (1994, p. 42) nos afirma que gênero “[...] é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em ‘masculino’ e ‘feminino’ [...] Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto deve-se admitir a variabilidade do gênero”.

Nessa perspectiva, podemos afirmar que a masculinidade e feminilidade podem assumir variadas formas, sendo o sujeito possuidor de identidades múltiplas que se transformam ao longo do tempo porque não são fixas e estáveis.

Com relação a sexualidade Jeffrey Weeks (1993, p. 6) afirma "a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo", e que por isso, os sujeitos podem "viver seus desejos e prazeres corporais" de várias formas.



Desta forma, podemos compreender como gênero e sexualidade estão imbrincados. Butler apud Louro, (1996, p. 28) salienta que

[...]é crucial manter uma conexão não-causal e não reductiva entre gênero e sexualidade. Exatamente devido ao fato de a homofobia operar muitas vezes através da atribuição aos homossexuais de um gênero defeituoso, de um gênero falho ou mesmo abjeto, é que se chama os homens gay de "femininos" ou se chama as mulheres lésbicas de "masculinas".

Nesse sentido, ressaltamos que a compreensão sobre as relações de gênero, que é marcada por uma hierarquia de dominação que atravessa os sentidos sociais sobre a masculinidade e feminilidade, se torna imprescindível para a construção de uma sociedade justa e igualitária. As questões de gênero, portanto, deve ser de interesse de todas/os para que possamos construir uma sociedade pautada na equidade e na justiça social.

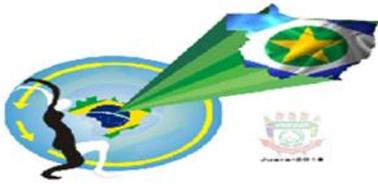
“IDEOLOGIA DE GÊNERO?”: Desconstruindo Alguns Equívocos

As discussões sobre gênero e sexualidade na educação sempre foram temas considerados como tabu dentro do contexto escolar. Pois, muitas vezes esses temas estão arraigados a concepções equivocadas que não refletem as teorias que pesquisam sobre gênero e sexualidade na educação.

Recentemente tivemos um movimento nacional contra a inserção desses temas nos planos estaduais e municipais de educação. Foi criada uma cartilha denominada “Ideologia de Gênero” que em seu discurso dizia querer prevenir a sociedade contra este mal que destruiria as famílias, inculcando nas crianças comportamentos e valores que não são adequados.

Primeiramente, gostaria de elucidar que este termo “ideologia de gênero” não é uma linguagem presentes nos estudos e teorias de gênero, esta é uma compreensão equivocada daqueles que produziram determinada cartilha.

Nesse, sentido não podemos concordar com as colocações presentes em tal cartilha uma vez que os Estudos de Gênero são reflexões teóricas que visam combater a violência contra a mulher e a criança, além de defender o respeito às diversidades presente em nossa sociedade. Entretanto ela pode ser vislumbrada como uma estratégia de luta, um local e espaço de produção do conhecimento, que possibilite outras formas de pensar o mundo. Assim, os Estudos de Gênero podem ser



concebidos como uma possibilidade de compreensão e mudança pelas interpretações de mundo que essas teorias nos permitem conhecer e refletir criticamente.

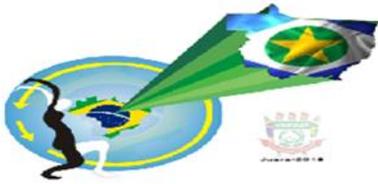
A inserção dos estudos de gênero e sexualidade no contexto da educação possibilitará a análise da dialética existente entre os discursos e práticas escolares que pretendem construir as masculinidades e feminilidades no ambiente escolar. Pois, as práticas escolares estão permeadas por valores que são apregoados por várias instancias, tais como igreja, escola, família, e os meios sociais mais amplos. Essas representações são decorrentes de vários fatores, que aglutinados e representados no meio escolar, demonstram uma das maiores fragilidades quando se referem as questões de gênero e sexualidades, tornando evidente a perpetuação do discurso dominante.

Dentre tais fatores podemos mencionar que eles decorrem das relações de poder que pretendem disciplinar os corpos através do controle de sua sexualidade. Segundo Jeffrey Weeks (2007) a sexualidade nada mais é do que uma construção social e histórica, assim como as relações de gênero. Desta forma, nas sociedades as pessoas são classificadas, denominadas e hierarquizadas conforme as normas, valores e ideais culturais, dando origem as marcas de gênero, classe, raça e etnia. Essas marcas sociais podem dar mais ou menos valor para uma categoria, segundo Almeida (1998):

A articulação das dimensões objetivas e subjetivas introjeta um tipo de pensamento que acaba por traduzir-se em ações concretas e leva aos mecanismos de dominação e opressão, nos quais o denominado mais forte sobrepuja o chamado “mais fraco”. Pode-se tomar como exemplo a pretensa superioridade da raça branca sobre a negra, ou da mulher branca sobre a mulher negra e sobre o homem negro; ou ainda o homem branco sobre as mulheres brancas e negras e do homem negro sobre a mulher negra. (ALMEIDA, 1998, p. 44).

Assim, a linguagem do gênero e sexualidade é predominantemente masculina e heteronormativa. Nesse sentido as relações de gênero evidenciam as classificações dos lugares sociais que devem ser ocupados pelos indivíduos conforme o sexo, assim, a sociedade nos arranja e nos constrói elaborando as significações sobre a masculinidade e feminilidades. Portanto, quando a cartilha “Ideologia de Gênero” afirma que as pessoas não terão mais sexo, é uma compreensão confusa sobre as teorias de gênero, pois esta afirma justamente que as diferenças e hierarquias sociais com relação a homens e mulheres surgem justamente por se pautarem nas diferenças biológicas, ou seja, o sexo.

Nessas relações de poder as práticas são corporificadas, o corpo torna-se uma dimensão das disputas pelo poder, e é por sua vez a nossa primeira forma de identificação social – sexo –, desta



forma, são alvos de suas tensões tanto homens quanto mulheres. O sexo define quem será dominado ou dominador (BOURDIE, 2007).

Não podemos deixar de salientar que o sexo é um termo usado pra distinguir anatomicamente/biologicamente os corpos, sendo que estas distinções serviram para estabelecer uma oposição e hierarquia entre mulheres e homens. A socióloga Ann Oakley citada por Tilly (1994, p. 42) define a diferença entre sexo e gênero:

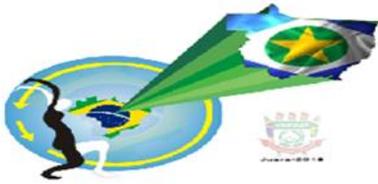
‘Sexo’ é uma palavra que faz referencia as diferenças biológicas entre machos e fêmeas [...] ‘Gênero’, pelo contrário, é um termo que remete à cultura: ele diz respeito à classificação social em ‘masculino’ e ‘feminino’ [...] Deve-se admitir a invariância do sexo tanto quanto deve-se admitir a variabilidade do gênero. (OAKLEY apud TILLY, 1994, p. 42).

Desta forma, podemos definir o gênero como as diferenças sociais entre homens e mulheres, sendo que estas representações foram construídas ao longo da história, permeado pela cultura. Segundo Louro (1995, p.3)

[...] acabamos por naturalizar o que é social, acabamos por ‘colar’, aos corpos femininos e masculinos, destinos, possibilidades, sentimentos, disposições, tornando-os ‘inerentes’ a cada um dos gêneros. Atributos que são sociais e históricos – portanto atributos que são produzidos e fabricados, de diferentes modos, por diferentes sujeitos, em diferentes momentos e sociedades – acabam por serem percebidos como universais e eternos.

Nesse sentido podemos dizer que as identidades sexuais não podem ser desprezadas nos estudos sobre gênero e sexualidade, pois é atribuída ao corpo a ancoragem da identidade (gênero e sexual), o corpo irá delinear a identidade. Portanto, quando a cartilha “Ideologia de Gênero” afirma que “as pessoas irão inventar uma identidade para si”, nos mostra mais um equívoco conceitual sobre as teorias de gênero.

Mas, não podemos deixar de concordar quando uma das ideias da cartilha afirma que as pessoas podem vivenciar a sua identidade de gênero como quiser, lembrando que sexo e gênero são duas identidades diferentes e independentes. Por exemplo, uma pessoa que possui um determinado sexo biológico pode ter uma identidade de gênero diferente daquilo que é esperado socialmente. Podem existir homens ou mulheres que tenham a identidade de gênero diferente de seu sexo, ou seja, homens femininos e mulheres masculinas. Giddens (2008, p.114) afirma que:



Os indivíduos poderão optar por construir ou reconstruir os seus corpos conforme a sua vontade - recorrendo desde a actividade física, à dieta, ao *piercing* e ao estilo pessoal, até à cirurgia plástica e às operações de mudança de sexo. A tecnologia estará a dissipar os limites dos nossos corpos. Assim, argumentam, o corpo humano e a biologia não são dados adquiridos, mas estão sujeitos à acção humana e à escolha pessoal em contextos sociais diferentes.

Nesse sentido, podemos afirmar que a escola classifica o sujeito pelo corpo, fomentando em seu interior um processo de escolarização do corpo e de uma sexualidade heteronormativa. Nesse contexto, algumas representações se fortalecem e se confundem com a verdade, favorecendo práticas preconceituosas, pois na escola as pessoas [...] “se envolvem e são envolvidas nessas aprendizagens, reagem, respondem, recusam ou as assumem inteiramente” (LOURO, 1997, p. 61).

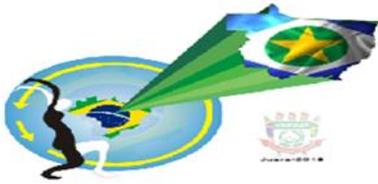
CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escola tem sido vista como um local onde se pode propiciar a formação de pessoas humanas e justas, que não colaborem com a manutenção e consolidação dos processos de exclusão e discriminação, promovendo desta forma, o respeito aos direitos humanos.

Por isso, devemos dar especial atenção para as instituições escolares que em seu cotidiano é perpassada por diferentes discursos e práticas sociais e pedagógicas, tornando-se um local que pode ser de desconstrução ou afirmação do que é tido como “natural”, constituindo e fixando as diferenças sexuais e de gênero.

Assim, afirmamos a necessidade de reflexões e estudos sobre gênero e sexualidade na educação, pois a escolarização se inscreve nos corpos dos sujeitos, e estes por sua vez, são significados e ressignificados pela cultura que institui um sentido social aos corpos, e neste cenário a escola se revela como importante mecanismo dessas produções. Entretanto, cabe a nós professoras e professores o desafio de repensar e possibilitar novas teorias que possam favorecer a compreensão de que todas/os somos sujeitos e devemos ser respeitados de forma igualitária.

EDUCACIÓN Y DIVERSIDAD: UNA DISCUSIÓN DE GÉNERO EN DEBATE



Resumen - Este artículo tiene como objetivo fomentar temas de discusión y reflexión en relación con el género y la sexualidad, que se toma de los planes municipales de Educación Básica. Estos temas serán considerados como construcciones históricas, sociales y culturales. También el objetivo de reflexionar sobre la circulación del "Estudio sobre la ideología de género", que ha planteado debates y la difusión de ideas falsas sobre los estudios de género. Nuestros argumentos se basan en las ubicaciones que concebir el concepto de género y la sexualidad como una construcción social e histórica de las distinciones / diferencias anclados en el sexo. Así podemos señalar que la masculinidad y la feminidad, en contra de lo que promulgan algunos discursos, no se forman principalmente por las características biológicas, pero son representaciones de lo que se dice y piense acerca de estas características. La comprensión de género en esta perspectiva no es negar el sesgo biológico que explica las diferencias anatómicas entre las personas, pero considera que estas diferencias no pueden ser utilizados para favorecer, por tanto, el macho / género heteronormativo considera que estos conceptos que tienen la propiedad de las asignaciones hembras tradicionales como débiles y sumisos, que no son más que construcciones culturales que históricamente producen una opresión sexista que tiene como objetivo reafirmar los discursos biológicos y culturales de la desigualdad, que a su vez tenga intención de instituir regular y reglamentar deseos, cuerpos, significados y las prácticas universalmente la misma. Por lo tanto, debemos prestar especial atención a las instituciones educativas en su vida cotidiana está impregnada por diferentes discursos y prácticas sociales y pedagógicas, por lo que es un lugar que puede ser deconstrucción o afirmación de lo que se considera "natural", lo que hace y se fija el sexo y género diferencias. Por lo tanto, afirmamos la necesidad de reflexiones y estudios sobre género y sexualidad en la educación como la escolarización se inscriben en los cuerpos de los sujetos, y éstos a su vez estamos destinados y reevaluado por la cultura que se establece un sentido social de los cuerpos, y en este escenario la Escuela se revela como un mecanismo importante de estas producciones. Sin embargo, nos corresponde maestros y profesores el reto de repensar y habilitar nuevas teorías que pueden favorecer la comprensión de que todos son el tema y deben ser respetados por igual.

Palabras clave: Género. Sexualidad. Educación.

REFERÊNCIAS

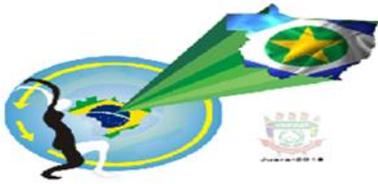
ALMEIDA, Jane Soares. **Mulher e educação: a paixão pelo possível**. Editora Unesp, 1998.

BOURDIEU, PIERRE. **A Dominação Masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

GIDDENS, Anthony. Género e Sexualidade. In: _____ Sociologia. Lisboa: Fundação Calouste Gulbekian, 2008.

WEEKS, Jeffrey. O Corpo e a Sexualidade. IN: LOURO, Guacira Lopes(org.) **O corpo Educado: Pedagogias da Sexualidade**. 3ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero Sexualidade e Educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.



_____ **O corpo Educado:** Pedagogias da Sexualidade. 3ªed. Belo Horizonte: Autentica, 2013.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: (org) *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000, p. 73-102.

TILLY, L. **Gênero, história das mulheres e história social**. In: Cadernos Pagu. Núcleo dos Estudos de Gênero da Universidade Estadual de Campinas, 1994.

Recebido em: 08/11/2015

Aprovado em: 22/11/2015